

## O saco mais popular de Manhattan

Qualquer pombo voando entre avenidas ou mendigo com cartaz em Times Square me parece mais interessante que agarrar as bolas de um touro

Por *Martha Batalha*, 07/05/2025

Link: <https://oglobo.globo.com/cultura/martha-batalha/coluna/2025/05/o-saco-mais-popular-de-manhattan.ghtml>



Touro de Wall Street e a estátua 'Garota Destemida', instalada em 2017 — Foto: AFP

Há algumas semanas eu estava em Wall Street quando percebi uma fila bem longa. E fila é desses fatores que dividem a Humanidade em dois grupos: o dos que encaram a espera a todo custo, e o dos que fogem com igual energia. Eu pertencço ao segundo grupo, e ao subgrupo dos que fogem mas antes se achegam para se inteirar do que estão perdendo. A fila era para tirar foto com o touro de Wall Street, uma escultura em bronze de três toneladas próxima à bolsa de valores. O touro representa o mercado financeiro em sua força e prosperidade.

Imaginem o animal robusto, ali o focinho, os chifres, uns olhos bem bravos. Sigam pelo torso, as costelas, as patas, a cauda. Baixem para a região do lusco-fusco corpóreo com a fenda interglútea e as bolas. Era este o destino da fila. Centenas de pessoas sob chuva fina, em uma temperatura semelhante à da sua geladeira, enfrentando uma fila maior que a dos bancos, em dia de pagamento, antes de inventarem a internet, para tirar foto junto aos sacos de um touro.

Chega a ruiva, agacha-se na traseira e finca as unhas nas partes. Chega um casal e sorri junto às bolas. Vem a família, pai e mãe, dois filhos. O touro tem as patas

dianteiras rentes ao chão e a traseira levantada, conveniente para os pais colarem os rostos na racha do ânus enquanto os filhos se achegam nos sacos. Li depois que os testículos mais instagramáveis do mundo têm o cobre mais claro de tanto as pessoas tocarem.

O ser humano não é algo? Com tanto para fazer em Manhattan vem a pessoa de longe pegar fila para agarrar um saco. Eu agora estou tentando conter meus dedos, apagar sentenças, porque prometi jamais julgar os outros, muito menos em coluna e jamais em decisões de cunho turístico-escrotal, mas como não avaliar a verdadeira atração turística, as cabeças sumindo na racha glútea, as mãos espalmadas nas bolas de cobre?

Há tanta gente em Manhattan que não sei como a ilha não afunda. Eu amo a cidade, pelo tempo que morei ali e porque Manhattan é como o Rio em seu estilo de bacanal. Ninguém é de ninguém — a cidade parece dizer —, e se você se achegar a gente te abraça. Manhattan não discrimina nem a si mesma, sendo assumidamente mais gentil com quem tem dinheiro. Tem algo ali, da energia dos turistas, da esperança esgarçada dos imigrantes, dos jovens se entregando aos primeiros empregos, das várias línguas, temperos e fé, algo no furdunço de tudo que concentra o mais genial do nosso finito mundo moderno. Tudo para dizer que qualquer pombo atravessando um pedaço de céu entre avenidas ou mendigo com cartaz em Times Square (“Preciso de dinheiro para diminuir meu pênis”, dizia um dos cartazes que vi) me parece mais interessante que agarrar as bolas de um touro.

Mas quem sou eu para julgar, além de alguém que prefere a companhia da “Menina destemida”, uma escultura menor, de uma menina magrinha e cheia de coragem em frente à bolsa de valores? Por um tempo a “Menina destemida” postou-se na frente do touro de Wall Street, e a combinação anulou a máscula simbologia taurina. O animal deixou de representar a força do capitalismo para ser o antagonista de alguém menor e mais jovem, sem medo e com princípios. Junto à menina o touro representava a concentração de renda e poder. Tiraram a menina da frente do touro, mas ela permanece na área. É para mim mais simbólica, com as partes devidamente cobertas, e para vê-la não há fila.